

MAFALDA IVO CRUZ CONTISTA: ANOTAÇÕES SOBRE UMA AUTORA HIPERCONTEMPORÂNEA

Samla Borges Canilha¹

RESUMO

A portuguesa Mafalda Ivo Cruz é uma autora aclamada pela crítica, tendo inclusive vencido alguns prêmios literários, como o importante Grande Prêmio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores (APE). Esse reconhecimento dá-se essencialmente por sua produção romanesca, que se iniciou com *Um réquiem português*, ainda na década de 1990, e se manteve ao longo deste início do século XXI – *Pequena Europa*, sua mais recente publicação, data de 2016. Entretanto, a autora tem também alguns contos publicados, todos eles integrando coletâneas junto a outros renomados escritores de língua portuguesa. Considerando-se a pouca abordagem desses seus textos, este trabalho traz uma breve apresentação de alguns deles – a saber: “Uma carta a Fátima”, “A origem do mundo”, “A vida é sonho”, “O gato” e “A colina” –, procurando pensá-los a partir de algumas das características estéticas de sua escrita e analisá-los especificamente dentro do contexto de produção da autora, o da hipercontemporaneidade, denominação que serve à produção literária a partir dos anos 2000, a qual apresenta alguns traços particulares em relação às publicações anteriores, refletindo a contemporaneidade e as mudanças que nelas ocorrem, assim como estas impactam o sujeito. Para isso, serão utilizados, além dos contos de Cruz, textos críticos sobre a escrita da autora e bibliografia teórica sobre a questão do hipercontemporâneo. O que se percebe é que diversos traços apontados como distintivos dessa produção e que podem ser notados nos romances de Cruz estão também presentes, mesmo que com desenvolvimento reduzidos, nos seus contos.

Palavras-chave: Mafalda Ivo Cruz, Contos, Hipercontemporaneidade.

¹ Doutoranda em Teoria da Literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, samlaaborges@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Apesar de pouco popular – alguns dirão que devido a uma escrita hermética – Mafalda Ivo Cruz não deixa de ser uma das mais interessantes vozes da produção literária contemporânea de Portugal. Nascida no final da década de 1950, em Lisboa, a autora é pianista clássica formada pelo Conservatório de Lisboa, fato relevante à sua obra, uma vez que o cuidado com o ritmo é um dos traços característicos do seu texto, junto da fragmentação, da não linearidade, da suspensão espaço-temporal, da sobreposição de tempos e de vozes e da presença, em geral, de múltiplos narradores – o que está, não raro, associado a uma sobreposição de vozes. A atuação em outra área artística também contribui para um vasto repertório que se deixa entrever a partir do diálogo com outros campos artísticos, uma vez que, além de intertextualidade literária, sua produção é repleta de menções a obras musicais e das artes visuais. Essas características são destacadas pela professora Maria Luísa Riztel Remédios no artigo “*Vermelho*, de Mafalda Ivo Cruz, romance pós-moderno?”:

No contexto da ficção portuguesa da atualidade, Mafalda Ivo Cruz tem se destacado e suscitado uma atitude recepcional às vezes polêmica. Sem desenvolver uma escrita enigmática, ela recorre, em seus romances, à fragmentação, à contaminação discursiva (literatura/música/pensamento), à intensa prática reflexiva (interiorizada), ao apelo do transcendente. [...] uma autora que, segundo a crítica, deverá permanecer pela rara qualidade de seu discurso (REMÉDIOS, 2011, p. 75).

Também Luciana Éboli, em “A construção da personagem e o hibridismo narrativo: *O rapaz de Botticelli*, de Mafalda Cruz” trata das características dos textos de Cruz, mas vinculando-as justamente à sua formação musical:

essa forte influência musical é facilmente percebida na sua construção textual, principalmente no que tange à estrutura rítmica de sua narrativa. É possível encontrar em seus textos uma profusão de pausas, síncopes, frases de tamanhos diversos, das mais extensas às mais concisas, vozes que entram e saem da narrativa de forma surpreendente, e expressividade peculiar, como se fossem vários instrumentos musicais de uma orquestra em execução (ÉBOLI, (2006, p. 170).

Ambas as autoras partem da leitura de romances de Cruz para tecer suas considerações – e, de fato, é por eles que a escritora é conhecida e reconhecida. Sua produção romanesca, com publicação iniciada já na sua maturidade, é bastante fértil; são dela *Um réquiem português* (1995), *A casa do diabo* (2000), *O rapaz de Botticelli* (2002), *Vermelho* (2003), *Oz* (2006), *O cozinheiro alemão* (2008) e *Pequena Europa* (2016), além de *Emma* (2004), publicado em conjunto com a ilustradora Joana Villaverde, e de *Mensagem: adaptado para os mais novos* (2008). E esses romances lhe renderam alguns prêmios: o Prêmio PEN Club de Ficção 2002 por *O rapaz de Botticelli* e o Grande Prêmio de Romance e Novela 2003 da Associação Portuguesa de Escritores (APE) por *Vermelho*, mesma premiação a que foi novamente indicada em 2017 por *Pequena Europa*.

Entretanto, nem só de romances se faz a sua obra, uma vez que Cruz também integra as coletâneas *Vozes e olhares no feminino* (2001), com o conto “Uma carta a Fátima”, *Putas: novo conto português e brasileiro* (2002), com “A origem do mundo”, *Histórias para ler à sombra* (2003), com o conto “A vida é sonhos”, *Contos que contam* (2005), com “O gato” e *Contos policiais* (2008), com “A colina”. Neles, a autora divide espaço com outros grandes escritores portugueses, como Dulce Maria Cardoso, Gonçalo M. Tavares, Lídia Jorge, Rui Zink, Teolinda Gersão, José Luís Peixoto, Valter Hugo Mãe e Miguel Torga, entre outros. Considerando-se que os poucos trabalhos publicados sobre a escrita de Cruz não tratam desses textos, neste, o objetivo é realizar a leitura e análise desses contos, procurando apontar, ainda que de maneira superficial, as relações entre esses textos curtos e sua narrativa longa, partindo-se da hipótese de que neles estão presentes diversos aspectos que são melhor desenvolvidos nos romances.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho foi, principalmente, a leitura e análise dos contos que integram seu *corpus*. Além disso, recorreu-se a textos que tratam da obra de Mafalda Ivo Cruz e autores que tratam do conceito de hipercontemporaneidade, o qual é explorado. A leitura prévia dos romances, mesmo que estes não sejam citados de forma direta, também serviram para a sua realização.

REFERENCIAL TEÓRICO

As características formais da escrita de Cruz, já mencionadas – a fragmentação, a sobreposição de tempo e de espaço e a multiplicidade de vozes –, estão associadas a traços temáticos que, de alguma forma, a justificam, uma vez que suas narrativas tratam do íntimo das personagens, de suas recordações, suas dúvidas, seus medos e suas frustrações, de forma que a intimidade reja a organização da história. Sendo assim, a escrita disruptiva em relação ao modo de representação realista, em que a trama é apresentada de uma forma mais organizada, coesa e linear, dá lugar a uma espécie de reprodução das mentalidades caóticas que caracterizam as personagens criadas pela autora. Uma caoticidade, aliás, que está vinculada a outro aspecto: seus textos têm como temática recorrente a loucura e a violência, mencionada como traço característico, por teóricos, do que se denomina *hipercontemporaneidade*.

Em síntese, este é um conceito que abrange certa parcela da produção literária a partir dos anos 2000 e que reflete nossa contemporaneidade e as diversas mudanças que nela ocorrem, como os impactos da globalização e das novas tecnologias no sujeito. Nesse sentido, o autor dessas obras “reflete as características da sociedade que é a nossa, e à qual a sua escrita se adapta. A sua criação é um testemunho de uma evolução, tecnológica, econômica, social, que o obriga a encontrar novas formas de dizer o indizível, de ordenar o caos, de adivinhar o homem do futuro que ele é já” (BINET; ANGELINI, 2016, p. 447). Para conseguir expressar essa vivência, os autores acabam por, não raro, romper com as categorias tradicionais de narrador, ação, tempo, espaço e personagem. Entre essas rupturas, pode-se apontar a multiplicidade de vozes, recurso que permite uma leitura das obras por diversos caminhos – talvez um reflexo do mundo virtual e da comunicação em tempo real, o que influencia o tratamento dado ao tempo nos romances, na perspectiva de Ana Maria Binet e Ana Paula Arnaut (2018). As autoras apontam ainda traços que lembram muito os já apontados sobre a escrita de Mafalda Ivo Cruz:

A fragmentação do discurso, a pluralidade das vozes, a hibridez genérica, que dificulta as classificações, ou a utilização da metaficção constroem uma fronteira tênue entre o eco do real e o fruto do imaginário. Novas formas, como as que os anglo-saxões denominam “narrative non-fiction”, utilizam amiúde um lirismo surpreendente e que contrasta com os aspetos violentos e sórdidos das sociedades que ocupam uma posição central em grande parte

dos romances hipercontemporâneos (ARNAUT, BINET, p. 12-13).

De fato, na obra da escritora portuguesa, temos um lirismo que contrasta com narrativas tematicamente brutais. Essa brutalidade, porém, pode ser interpretada não só como uma especificidade, mas sim como uma resposta ao próprio contexto de produção:

A violência político-religiosa, que marca profundamente as nossas sociedades, especialmente desde o 11 de Setembro de 2001, percorre uma literatura onde o medo da morte, que tínhamos conseguido eufemizar, volta brutalmente, através da consciência de que esta se pode sobrepor às estruturas socioculturais, que tinham como objetivo mantê-la à distância, e se revelam impotentes perante a força do tsunami que nos assola, particularmente na Europa (BINET; ARNAUT, 2018, p. 11).

Especificamente sobre a obra de Cruz, Éboli (2006, p. 175), ao analisar *O rapaz de Botticelli*, corrobora a associação de uma construção fragmentária com a condição do sujeito contemporâneo:

Há uma história a ser construída, as peças do quebra-cabeça devem ser organizadas e montadas. Talvez essa seja a condição do sujeito contemporâneo, fragmentado, que concentra em si marcas do presente, do passado e – por que não – do futuro, num emaranhado desconexo e excessivo de informações que o caracterizam e o descaracterizam num ciclo ininterrupto. Esse é um momento peculiar de liberdade estética, de transformação de códigos e de alteração dos limites. E a autora, dessa forma, parte das questões filosóficas de seu tempo para compor uma literatura que quebra paradigmas e coloca nas mãos do leitor a responsabilidade imensa de recriar o seu próprio romance, através da interpretação pessoal das referências apresentadas e das pistas narrativas que permeiam sua construção.

Essa resposta ao próprio tempo, como será demonstrado na análise que se segue, é perceptível nos contos de Cruz, em que a violência e um contexto socialmente desigual são elementos marcantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Realizada a leitura dos contos integrantes do *corpus*, nota-se que todos eles trazem a violência, o contexto opressor, explicitamente ou não. Uma síntese de cada um já deixa entrever esse ponto: em “Uma carta a Fátima”, um homem observa a mulher que dá nome ao título, descrevendo diversas formas de violência que gostaria de cometer contra ela; “A origem do mundo” consiste nas reflexões de uma prostituta; em “A vida é sonho”, a narradora, em um texto fragmentário, menciona alguns acontecimentos de sua vida e das redondezas onde mora, com ênfase em um mendigo que perambula pela região; em “O gato”, uma melancólica voz narrativa descreve um episódio envolvendo as crianças de uma casa, ocorrida em uma noite em que ela assiste a imagens violentas na televisão; e, por fim, “A colina” traz a investigação deflagrada depois que o corpo de uma criança é encontrado sem vida no meio do lixo. Vinculada a esse aspecto, podemos pensar que se justifica a menção a figuras pertencentes à margem, socialmente excluídas, marginalizadas. É importante que, com exceção de “O gato”, no qual a casa da família e a viagem à praia deixam entrever melhores condições sociais (uma classe média, talvez), as personagens dos contos circulem em contextos de periferia.

Além da temática da violência, podem ser identificadas referências a outros dois aspectos, a ela relacionados, bastante frequentes na obra de Cruz: a loucura – como em “Tive medo que já lá não estivesse Mas estava. Tive medo, quer dizer, antes nunca lá tivesse estado. Eu acho que a partir de certa idade somos todos doentes, sabe? Começamos a sofrer de doença mental” (CRUZ, 2008, p. 76), de “A colina” – e o mal – presentes nos contos “Uma carta a Fátima”, no trecho “Eu, que era habitado pela fraqueza e pelo mal. Eu. Habitado pela infinita bondade das coisas. Para quê. O rumo perde-se na quietude” (CRUZ, 2001, p. 51) e em “A vida é sonho”, no seguinte trecho:

- Queria falar do mal, hoje
- Hoje não
- Porquê?
- Não tenho tempo.
- Oiça, tive uma visão estranha. Foi num sonho.
- Num sonho?

Era um rapaz de joelho em terra e tronco nu que segurava, assente na perna dobrada num pavão tão pequeno que

tinha o tamanho de um pombo. Que acha que é? (CRUZ, 2003, p. 100).

Essa violência também pode ser considerada ao se tratar dos aspectos formais dos textos. A escrita com frases curtas, dando uma ritmo mais ágil aos textos, transmite certa tensão ao leitor, reforçando a atmosfera dos espaços em que as histórias se passam – como em “O gato”, em que “a luz já tinha mudado, já se tinha tornado vagamente opressiva” (CRUZ, 2005, p. 62). Também as interrupções reforçam essa sensação; como exemplo, temos o conto “A vida é sonho”, composto por diversos fragmentos – o que, por si só, já dá ao texto um ritmo cortado, um caminho cheio de percalços –, que traz também frases como “«Vou ter de arrançar.» Então vai lá, homem! Pensas que fazes falta? Porque em todas as vidas se faz tarde. Porque hoje.” (CRUZ, 2003, p. 94) e “Enquanto caminhavas para a porta majestosa do museu fixaste uns olhos estranhos no caminho ladeado de buxo talhado e regado de fresco, ainda agora – não, não digo o resto” (CRUZ, 2003, p. 94). Outra leitura é a de que a narradora não consegue expressar, falar sobre a violência que envolve os episódios.

Além das interrupções, outro recurso interessante é o das repetições, como no seguinte trecho de “Uma carta a Fátima”:

E se pudesse falar-lhe de amor, dir-lhe-ia o quê? *Deixa-me entrar, despe-te, deita-te. Serves, ou não me serves.* E seguir-se-ia um espaço de devaneio agitado nas nossas vidas. Como uma ida num veleiro à margem sul do Tejo.

Serves, ou não me serves. A servidão e a serva. *Deixa-me entrar, despe-te, deita-te* (CRUZ, 2001, p. 51, grifo nosso).

Nele, o narrador trata de uma agressão que gostaria de cometer. A repetição reforça o desejo de recorrência e marca um ciclo sem fim. De forma geral, pode-se pensar não apenas na violência constante a que Fátima estaria subjugada, mas na violência às mulheres em geral, que, mesmo com o avançar da sociedade em diversos aspectos, mantém-se como uma triste realidade.

Outro aspecto característico dos romances de Cruz e que se faz presente na maioria dos contos é o uso de narração em primeira pessoa; as exceções são “A origem do mundo” e “A colina”. “A vida é sonho” destaca-se ainda por ser um texto dirigido para uma segunda pessoa – um recurso que ganha contornos ainda mais interessantes se considerarmos que o conto foi publicado em 2003, mesmo ano de publicação do romance *Vermelho*, no qual Tito, o protagonista-narrador, dirige seu discurso à mãe.

Destaca-se, ainda, em relação aos contos, o caso de mudança de voz e perspectiva narrativa em “Uma carta a Fátima”. Esse tipo de mudança é também um dos traços estilísticos da autora e, no caso do conto em questão, dá à narrativa uma reviravolta curiosa: a predominância da narração é do homem que observa Fátima através da janela, e assim o é ao longo de várias páginas, até o penúltimo parágrafo do texto: “Uma vez ao voltar-me, ao levantar a cabeça do trabalho dei um olhar à janela. E vi, apesar de ser tarde, o vulto do pedinte da igreja parado lá fora na esquina dianteira à casa. Conhecia-o vagamente. Era um estrangeiro” (CRUZ, 2001, p. 57). Sabemos que o tal pedinte é o narrador porque, no parágrafo seguinte, ela afirma: “Chamavam-lhe «o alemão»” (CRUZ, 2021, p. 57), enquanto, na narração do homem, há menções a termos e frases em língua alemã.

Também em “A colina” ocorre mudança de voz. Como mencionado, o conto é narrado predominantemente em terceira pessoa, mas há, em algumas passagens, a intromissão da voz de um dos personagens, Sebastião, em primeira pessoa. Um exemplo é o seguinte trecho:

Nessa noite, antes de descer para ir encontrar o jovem Seixas, Sebastião tirou a arma da gaveta. Vestiu o casaco que estava num cabide pendurado na porta e meteu a arma no bolso.

Ela já estava grávida nesse dia em que trazia a galinha no cesto. Passaram uns meses, eu ia à escola. Vieram buscar-me à escola, os dois velhos e disseram-me que tinha nascido a Iracema nessa manhã (CRUZ, 2008, p. 81).

A cena que é descrita anteriormente justifica a mudança: Sebastião está em casa relembando a mãe – o referente de “ela”, no trecho mencionado –, que, ele informa quando recebe a visita de Seixas, morreu um ano antes naquela data.

Outra cena em que tal mudança ocorre, no mesmo texto, é a seguinte:

Sebastião sentou-se.

Cremaram o meu pai. Ou não? Ainda não se fazia? Foi nesse dia, na igreja, que eu percebi que o meu pai vivia no inferno.

Sebastião apeou-se do táxi no Terreiro do Paço [...] (CRUZ, 2008, p. 82).

Nesse caso, a interferência da voz narrativa da personagem serve para reproduzir o que se passa em sua mente. Sendo assim, uma hipótese

para esse fenômeno é de que ele seja motivado pelos processos mentais operados pelo homem. No primeiro caso citado, em especial, a motivação é o ato de rememorar por ele realizado; isto é: a narração em terceira pessoa traz uma informação ou um acontecimento que serve de gatilho à memória da personagem e, por isso, ela assume a narração para trazer, ela mesma, o episódio desencadeado.

Por fim, é interessante destacar como os contos trazem diversas referências a outras produções artísticas. Entre elas, destacam-se: em “A origem do mundo”, aos quadros de Hopper e às pinturas *Retrato de Dolly*, de Van Dongen, e *A origem do mundo*, de Gustave Courbert – esta, inclusive, emprestando título ao conto, que justamente vai tratar da sexualidade feminina; e, em “Uma carta a Fátima”, aos quadros de Ticiano e a um concerto de Schumann.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos escritos por Mafalda Ivo Cruz, talvez pela brevidade, deixam apenas entrever alguns aspectos que são mais largamente desenvolvidos nos romances, mas é importante identificar sua presença, uma vez que isso denota uma voz autoral bastante coesa no todo de sua obra, mesmo que menos disruptiva nos textos mais curtos. Os principais pontos a serem destacados, e que foram aqui abordados com um pouco mais de ênfase, é a temática da violência, presente em todos os textos e também em todos os seus romances e, no que tange à forma, ao trabalho com diferentes vozes narrativas.

A análise aqui realizada foi breve e superficial, mas espera-se que sirva para apresentar uma autora pouco conhecida no contexto brasileiro e, aos que já são familiarizados com sua obra romanesca, mostra-lhes esta sua outra faceta e, assim, instigar novas investigações sobre Cruz.

REFERÊNCIAS

BINET, Ana Maria; ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik. Literatura hipercontemporânea. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 51, n. 4, p. 447-449, out./dez. 2016. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/26164>>. Acesso em: 15 dez. 2021.

BINET, Ana Maria; ARNAUT, Ana Paula. Introdução. **Revista de Estudos Literários**, n. 8, p. 11-15, 2018. Disponível em: <<https://digitalis-dsp.uc.pt/>

jspui/bitstream/10316.2/45133/1/Introducao.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.

CRUZ, Mafalda Ivo. Uma carta a Fátima. In: LIMA, Isabel Pires de (coord.). **Vozes e olhares no feminino**. Porto: Afrontamento, 2001.

CRUZ, Mafalda Ivo. A origem do mundo. In: INÁCIO, Ana Paula *et al.* **Putas**: novo conto português e brasileiro. Vila Nova de Famalicão: Quasi, 2002.

CRUZ, Mafalda Ivo. A vida é sonho. In: MELO, João de *et al.* **Histórias para ler à sombra**. Lisboa: Dom Quixote, 2003.

CRUZ, Mafalda Ivo. “O gato”. In: LISBOA, Adriana *et al.* **Contos que contam**. Lisboa: Colombo, 2005.

CRUZ, Mafalda Ivo. “A colina”. In: SENA-LINO, Pedro (coord.). **Contos policiais**. Porto: Porto Editora, 2008.

ÉBOLI, Luciana. A construção da personagem e o hibridismo narrativo: *O rapaz de Botticelli*, de Mafalda Cruz. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 169-175, set. 2006. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/626/457>>. Acesso em: 15 dez. 2021.

REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel. *Vermelho*, de Mafalda Ivo Cruz, romance pós-moderno? In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel; BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina (Org.). **Identidades fraturadas**: ensaios sobre literatura portuguesa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011. p. 75-82.